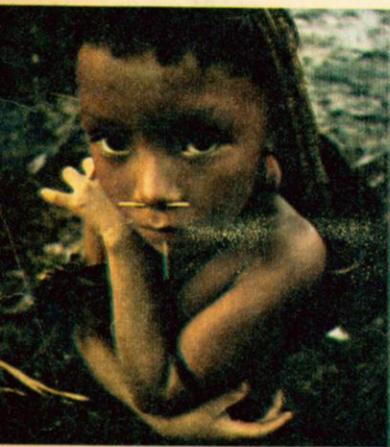


YANOMAMIS O P

A notícia estourou em Boa Vista, atual capital dos antigos domínios de Macunáima: "Vão reabrir o garimpo de cassiterita, dessa vez mecanizado, na serra dos Yanomamis." O dorso da Surucucu, a lendária e bela serra do Território de Roraima, onde se concentram quatro mil dos 16.500 índios Yanomamis — o grupo primitivo mais numeroso do mundo e um dos mais antigos da América do Sul —, acabou sendo atingido em cheio pelo decreto que permitirá a exploração das riquezas minerais nas áreas indígenas. Habitantes tradicionais das montanhas do norte do Amazonas, noroeste de Roraima e sul da Venezuela, a maioria dos Yanomamis manteve seu isolamento graças à topografia acidentada que dificulta o acesso às suas malocas.



Mas não haverá encosta íngreme, floresta virgem ou igarapé encachoeirado que possa impedir a aterrissagem de aviões cargueiros no platô do dorso da Surucucu. Seu povo nativo, alegre e guerreiro, pintado de urucu, enfeitado com as flores, penas e folhagens da serra, ouvirá em breve o ronco das máquinas mineradoras. A questão permanece: "Vale mais a cassiterita ou o paraíso ecológico dos Yanomamis?"

SEGUE

ARAÍSO PERDIDO

Reportagem de Atenéia Feijó • Fotos de Tadeu Lubambo

YAR 0000 20



como essa, construída segundo os princípios da engenharia Yanomami: a habitação se harmonizando com a natureza.



A vida na maloca é comunitária, embora cada família tenha seu espaço privado em torno de um centro coletivo que funciona como uma



Como não há brinquedos industrializados, as crianças improvisam suas brincadeiras em cima de qualquer coisa. A medição de forças pode



verdadeira praça interna. Mesmo reunidos, os Yanomamis ainda se amedrontam diante de uma máquina fotográfica.



ser um jogo infantil ou uma luta séria entre os adultos. Na maloca Dobola, a briga dos homens é por causa de feitiço.

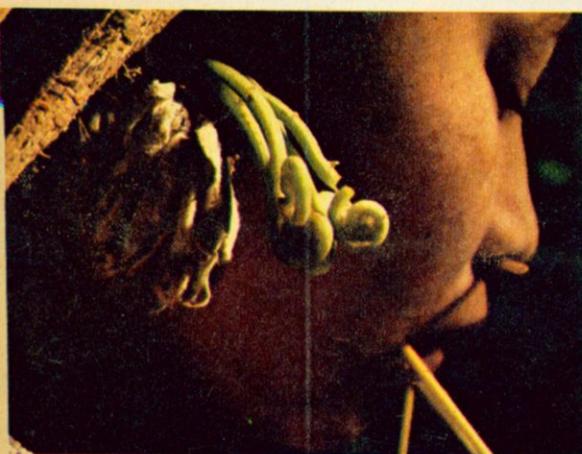
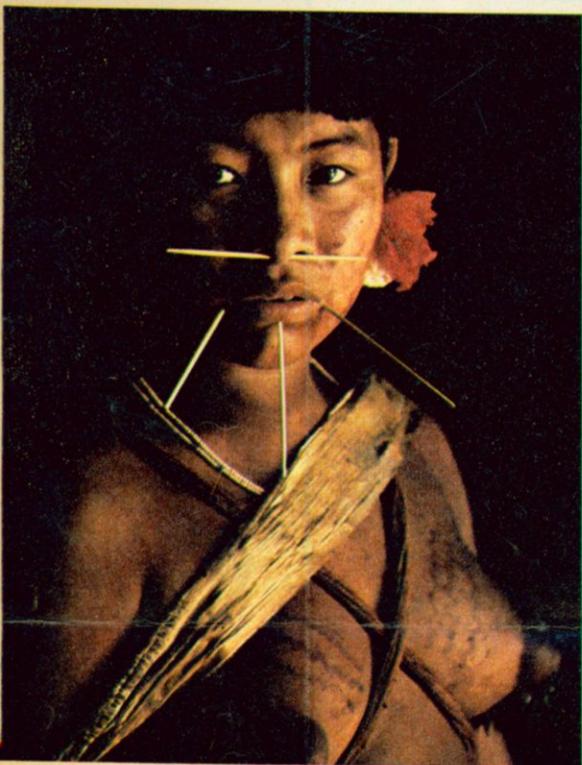
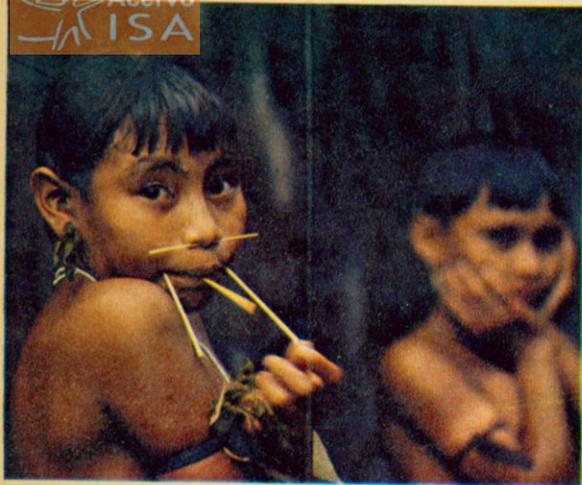
O YANOMAMI
PINTA O CORPO
COMO QUER,
QUANDO QUER,
POR PURO
PRAZER E LAZER

A vaidade do homem Yanomami em enfeitar o corpo não compromete a arte de manejar o arco e a flecha, o espírito guerreiro, a coragem e muito menos a virilidade. Eles adotam, inclusive, a poligamia como demonstração de *status* social. Seu acúmulo de riquezas consiste na saúde, na família e na própria natureza.

SEGUE







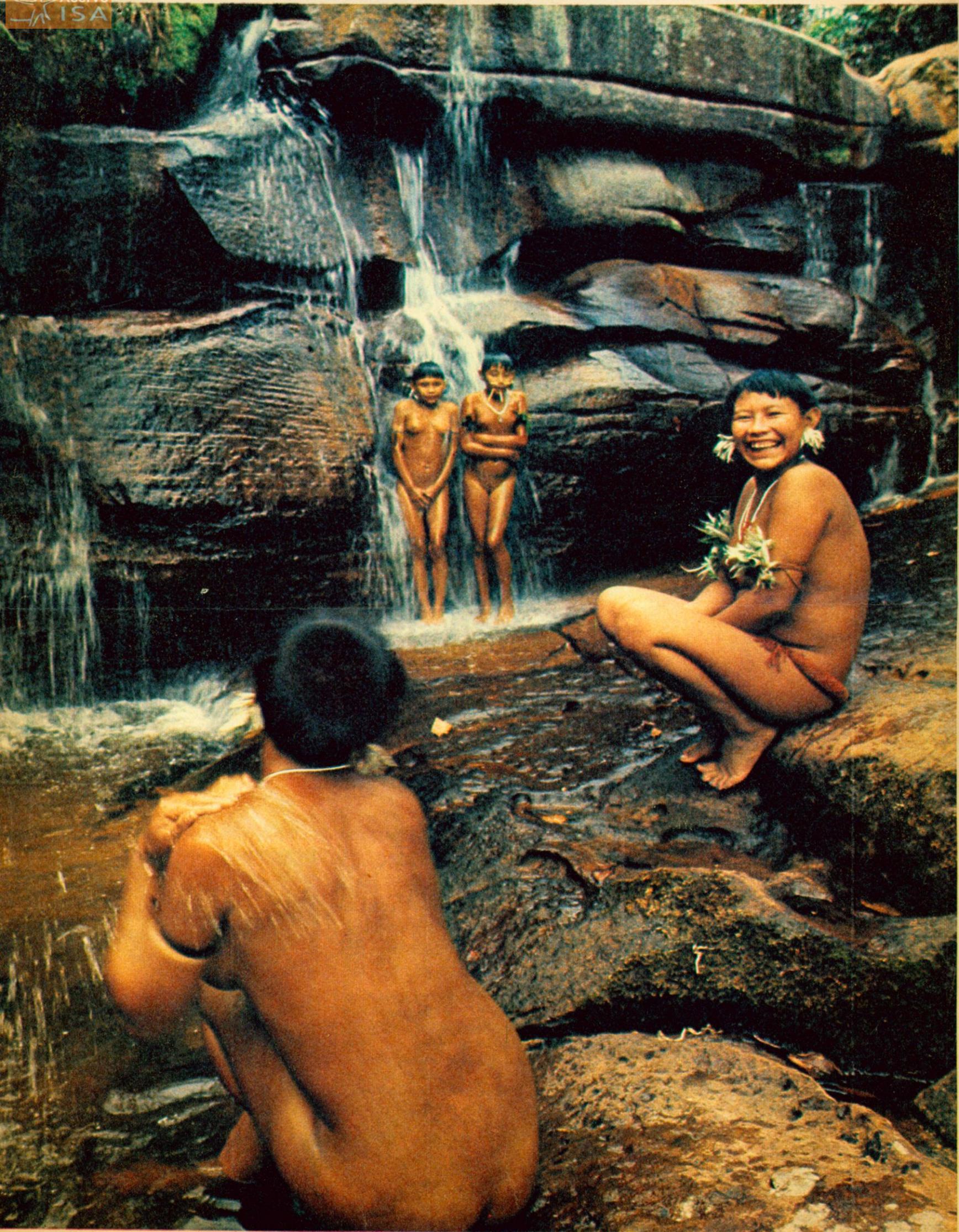
Os igarapés encachoeirados fazem parte dos encantamentos da serra do Surucucu, onde os Yanomamis se integram de corpo inteiro à beleza da região.

A MESMA CACHOEIRA QUE SEDUZ AS MULHERES YANOMAMIS DE DIA, AS AMEDRONTA DE NOITE

AS montanhas amanhecem envoltas em névoa, acentuando os mistérios de cada dobra da serra do Surucucu. A quase mil metros de altitude, os Yanomamis são donos absolutos da floresta de uma infinidade de verdes, pincelada de roxo e amarelo pelos ipês floridos. Uma floresta desenhada pelos igarapés sinuosos e apressados para se despencarem em várias cachoeiras com poderes mágicos, que assustam as mulheres índias ao cair da noite. Durante três dias, esse universo foi sobrevoado por helicópteros da FAB, em missão de apoio ao trabalho de vacinação da Funai, que imunizava os Yanomamis da serra contra tuberculose, sarampo, coqueluche e poliomielite. Foram visitadas umas 30 aldeias, num total aproximado de 80 malocas. Formadas por uma ou mais malocas — dependendo da densidade demográfica de cada comunidade —, as aldeias são encontradas a grandes distâncias umas das outras. O primeiro indício de sua localização é a clareira aberta, na mata densa, com a roça de mandioca, macaxeira, taioba, cana-de-açúcar, batata-doce, cará, milho, abacate, banana, fumo, algodão, mamão e pupunha. Nas suas proximidades há sempre uma grande casa coletiva circular, inteiramente construída com armação de paus e coberta de palha firmemente tecida na cumeeira de cipós, capaz de resistir ao vendaval provocado pelo uso do helicóptero. Na Dobola, a última maloca visitada pela equipe de vacinação, a rotina seria a mesma não fosse a briga desencadeada no momento em que um jovem doente era examinado pelo médico da Funai. Seus parentes começaram a berrar acusando um índio de ter praticado feitiço contra o rapaz. O pai do enfermo e o acusado se insultaram e por pouco não se atacaram.

SEGUE





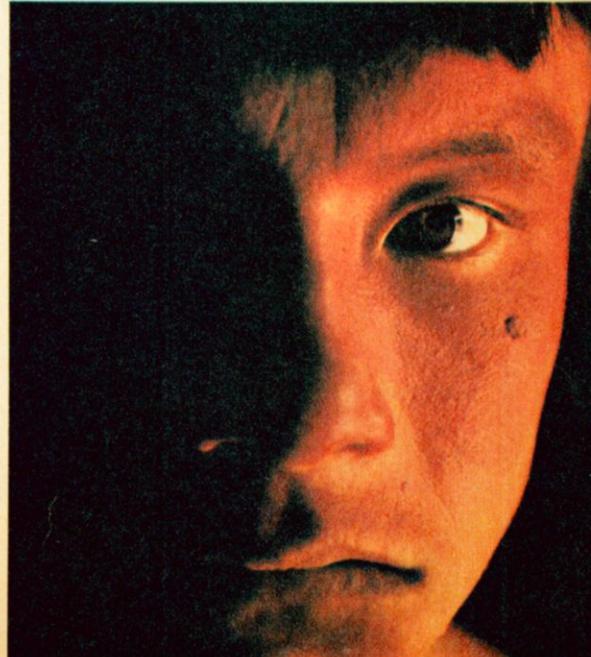


S E partissem para as vias de fato, eles lutariam na base da bordunada, de pau, na cabeça. E a pauleira se estenderia aos parentes, família contra família, num quebra-quebra de cabeças que deixaria muitas cicatrizes — no couro cabeludo previamente raspado dos brigões. Se houvesse morte, toda a aldeia entraria em pé de guerra, de arco e flecha, provocando uma divisão do grupo. Os subgrupos passariam a ser inimigos e procurariam morar afastados um do outro. Guer-

ras intergrupais (por feitiço ou rapto de mulheres), epidemias e esgotamento da produtividade da roça são as causas mais comuns das frequentes migrações dos Yanomamis. Mas é exatamente essa característica seminômade que mantém o equilíbrio político e ecológico do seu território. Do alto, num sobrevôo mais lento, a vida itinerante dos índios Yanomamis é perfeitamente ilustrada pelos vários tipos de clareiras dispersas no meio da floresta. Uma capoeira com agrupamento fechado de imbau-

O HOMEM É AMOROSO E PROTETOR DA FAMÍLIA, MAS COSTUMA BATER NAS MULHERES

O contato corporal entre mãe e filho é permanente e prolongado até o momento em que a criança aprende a se defender sozinha. Mas o relacionamento matrimonial nem sempre é tão terno. Às vezes, o marido bate na cabeça da mulher — deixando cicatrizes.





bas, por exemplo, indica que a mata está começando a se regenerar, ou seja, ali foi local de roça antiga. Os vestígios de troncos tombados e queimados entre uma vegetação rasteira é sinal de maloca nova. Também é possível identificar as aldeias que estão em guerra: suas malocas são abertas em cima, para deixar o centro bem iluminado, ao mesmo tempo que guarnece o espaço familiar com uma paliçada interna feita de paus-a-pique. Mas, em todas elas, o ritual diante da chegada do helicóptero foi praticamente o mesmo. Depois de alguns minutos escondidos no mato, os índios apareciam risonhos, alguns pintados e enfeitados com plumagens. Os homens com o pênis amarrado pelo prepúcio, suspenso e preso a um barbante de envira passado na cintura. As mulheres, com tangas de cordões de algodão.

FRANCISCO Bezerra, ou a antropóloga Guiomar de Melo, explicava ao tuxaua, em Yanomami, que quem entendia e curava doença de branco era só branco mesmo, e a equipe estava ali para prevenir contra o sarampo e a coqueluche — dois males que os Yanomamis têm verdadeiro pavor, atingidos como foram por uma epidemia, em 1981. Em algumas aldeias eles reclamaram da presença do helicóptero, acusando-o de espalhar doença. Pelo mesmo motivo alguns se irritavam com a fumaça dos cigarros, fazendo gestos para que os fumantes os apagassem imediatamente. Tendo pouquíssimo contato com os *civilizados*, eles ainda encontram muita dificuldade para identificar o sexo de uma pessoa *branca* inteiramente coberta de roupas. Uma mulher magra, de calça comprida e camisa folgada se torna uma verdadeira incógnita. Homens e mulheres me apalpavam, inclusive no púbis, até se certificarem de que se tratava de alguém realmente do sexo feminino... As mulheres levantavam minha blusa

e agarravam meus seios, apertando os mamilos com força para ver se saía leite. Depois, com gestos confraternizadores, me davam tapas no peito e me aplicavam uma espécie de passe, me abraçavam e me arrastavam numa dança compassada para o centro da maloca. Com o fotógrafo Tadeu Lubambo, o processo de identificação era bem mais tranqüilo. Entretanto, embora sua barba e peito peludo arrancassem risadas simpáticas dos homens, nem por isso deixavam-se fotografar. Como último recurso, Tadeu passou a visá-los usando a lente grande angular, com a máquina na cintura. Apesar de não falarem português e andarem nus, eles conhecem a fotografia através dos missionários americanos da Missão Evangélica da Amazônia (Meva) — que moraram durante alguns anos na serra do Surucucu. E o que aconteceu foi o seguinte: quando se viram nas fotos, os índios se assustaram, imaginando que a máquina lhes havia aprisionado a alma no papel. Por outro lado, quando morre um Yanomami, todos os seus pertences são queimados. Por isso não admitem que alguém fique de posse de sua imagem num retrato.

Com o término da vacinação e a partida dos helicópteros da FAB, a serra voltou à normalidade. Era o momento para se tentar um rápido namoro com os Yanomamis do grupo Avkamantheri. Eles habitam a maloca mais próxima do posto da Funai, num platô recoberto por um tipo de vegetação mais característico das regiões de campo ou das chapadas agrestes. Crédulos e confiantes, bastou a promessa — através da antropóloga Guiomar — de que lhes mandaríamos os *retratos*, para que se deixassem documentar em suas atividades cotidianas. Numa manhã, seguindo-os numa longa caminhada floresta adentro, subindo e descendo encostas escorregadias, chegamos à nova roça — a mais distante. Como começava a chover, o retorno foi apressado pelas

mulheres. Elas procuravam proteger seus bebês, improvisando guardachuvas com umas folhas grandes e semelhantes às das bananeiras. Agüentavam o filho nas costas com o peso do cesto tecido em cipó, preso por uma tira de envira à cabeça, cheio de macaxeira, cará e lenha. Quando paravam para descansar, se catavam e comiam os piolhos. Também os bichos de pé. A selva do Surucucu é belíssima. Ela não tem aquela vegetação fechada e emaranhada de lianas tão comum à maioria das matas amazônicas.

E uma floresta alegre. Entre os troncos espaçados das árvores de copas altas e imensas, estende-se uma vegetação de plantas ornamentais com flores e folhagens exóticas, além das samambaias, avencas e dos rasteiros tapetes-de-rainha. Não se vê animais de grande porte. O som mais freqüente é o canto dos pássaros — em quantidade. Há a presença maciça de borboletas e insetos. Mas com a felicidade de não existirem piuns — aqueles terríveis e ferozes mosquitinhos.

Num outro dia e numa outra direção, as mulheres foram pescar num igarapé muito bonito, com pedras cobertas de musgo e o fundo atapeitado com as folhas despencadas do arvoredo. Nesse igarapé elas pegaram camarões com a *xoto*, uma espécie de peixeira feita de cipó: desentocaram caranguejos com um pedaço de pau; apanharam caramujos com as mãos; e pequenos peixes de linha e anzol. Depois, cada uma embulhou sua produção da pescaria em folhas, colocando-a em seu *wyy* — o inseparável cesto de carga. Durante a volta, ainda colheram cogumelos e frutos silvestres. Pelo caminho, apanhavam flores, brotos de folhagens e sementes de arbustos que iam enfiando nos lóbulos furados das orelhas e nas braçadeiras de algodão. Incrível como transam o corpo e o enfeitam com os elementos da natureza.

SEGUE

NUMA cachoeira, desataram o cinturão de cordões de algodão (pendentes na frente para cobrir o púbis) e banharam-se. Recolocaram a tanga e esfregaram o corpo inteiro com as sementes vermelhas de urucú, para desenhá-lo depois com riscos roxos de sumo das folhas de *Kaxapenoma*. Estavam lindas! Como entardecia, se apressaram em retornar à maloca antes do escurecer. Há sempre o temor que o espírito da cachoeira se apodere do espírito delas. Mas a vaidade não é curtida apenas pelas mulheres, os homens também se enfeitam. Eles adoram se ornamentar com plumagens de pássaros coloridos. Quando cai a noite, estão todos no interior da

maloca. Sentadas na rede (de algodão, cipó ou envira) armada no espaço privativo de cada família, as mulheres se dedicam ao preparo da comida. Assam os camarões, caranguejos e caramujos (enrolados nas folhas), cada uma em sua fogueira. Assam também bananas, macaxeira e cará. Alguns pássaros, cotia e tatu caçados pelos homens. Pronta a comida, a dividem entre os familiares. Mais tarde, todas as entradas da maloca são fechadas, para impedir a aproximação do *pole*, espírito de crianças mortas que vagueia pela mata em busca de companhia. Cada família atíça sua fogueira e aquece bem a maloca (que concentra o calor, devido ao chão de terra e à construção totalmente de pau e palha), porque em Surucucu as

as comunidades Yanomamis são sempre identificadas por um nome relativo à região de onde se originam. Assim, sabe-se que os *aykamantheri* vieram de uma montanha da serra do Surucucu, chamada Aykaman. Eles vivem em oito malocas. A maloca próxima do posto da Funai é a Wawaburetheri. Quando eles se identificam como *aykamantheri* da maloca Wawaburetheri corresponderia mais ou menos ao seguinte: somos cariocas e moramos na Tijuca. *Surucucu* é nome de branco e para os Yanomamis denomina apenas o platô da serra. Ivanildo, um Yanomami aculturado da região do Cauaboris (norte do Amazonas), empregado do posto indígena como auxiliar de serviços gerais e intérprete, diz que o platô já foi um açaizal — e passagem habitual (trilha) dos *aykamantheri*. Durante um yhirama (verão forte), houve um incêndio e o fogo queimou o mato todo, deixando apenas as cinzas. Desde então, o platô virou campo e começaram a chegar os *civilizados*. Primeiro, conforme os *aykamantheri* relataram a Ivanildo, teriam chegado os *pretos* (guianenses). De passagem. Depois dos *pretos*, os *brasileiros* da Comissão Demarcadora de Limites Brasil/Venezuela. Marcarem a terra e foram embora. Em 1962, chegaram os missionários louros americanos da MEVA.

Se até a década de 60 os Yanomamis só haviam tido contato com missionários e antropólogos que aprenderam a falar seu idioma — embora no passado ocorressem encontros esporádicos com outro tipo de gente, inclusive balateiros, castanheiros e caçadores — em 1975 estourou a corrida do garimpo. Centenas de garimpeiros invadiram a serra, à cata de cassiterita. Levados pela curiosidade, os índios passaram a freqüentar as *grotas* do igarapé e os *tapiris* dos garimpeiros. Recebiam roupas usadas, as quais lhes custavam, pelo contágio, certas enfermidades, como tuberculose e doença venérea. Em se-

tembro de 1976, um grupo da Thabaxima-yn-Hombotheri, a maloca mais perto do garimpo, pediu duas espingardas emprestadas para matar porca. Em vez de caçar, os da Thabaxima foram atacar os *potomathatheri*, matando dois. Não deu outra. Os que tinham sido atacados acharam que os inimigos estavam tendo a cobertura dos garimpeiros. Então, os *potomathatheri*, fizeram uma festa e chamaram os *mayempuutheri*, os *maytá* e os *aykamantheri*. Reunidos, formaram um grupo de uns 300 guerreiros, armados de arco e flecha, que cercaram o garimpo e assaltaram o acampamento, tomando tudo o que encontravam. A intenção era apenas expulsar os garimpeiros da área. Mas um deles reagiu, esfaqueando um tuxaua. Os yanomamis, então, passaram a atacar.

Os bebês defeituosos são estrangulados

UM índio e dois garimpeiros tombaram feridos e o ministro do Interior da época, Rangel Reis, mandou fechar o garimpo do Surucucu. No final desse mesmo ano, houve mais um conflito: a guerra entre as duas malocas atendidas pela MEVA. Um dos grupos decidiu atacar a missão por achá-la partidária de seus inimigos, quebrando todas as instalações. Entretanto, não feriram as missionárias, que acharam melhor abandonar a região. Sem os garimpeiros e a missão — que teimava em levar-lhes a palavra de Cristo —, os Yanomamis retornaram ao seu cotidiano, reassumindo a exclusividade de domínio na serra do Surucucu e os direitos regidos pelo seu universo cultural.

Apenas a Funai permaneceu na área, representada por Francisco Bezerra, que só interfere na vida indígena quando percebe a iminência de um infanticídio — prática adotada pelas mães Yanomamis que se julgam

incapazes de criar o filho recém-nascido. Isso acontece geralmente quando elas são solteiras, ainda estão amamentando o outro filho, dão à luz gêmeos ou um bebê defeituoso. Nos dois primeiros casos, o sertanista se oferece para ficar com a criança. Ele e sua mulher já criaram nove indiozinhos marcados para morrer. Todos eles, depois de fortes e grandinhos, foram reclamados por suas mães, que os levaram de volta para a aldeia.

No caso do nascimento de gêmeos (só deve sobreviver um) ou de criança defeituosa, o infanticídio é inevitável. A mãe toma a decisão na hora, imediatamente após o parto. Estrangula o recém-nascido e o enterra. O que não acontece com os mortos comuns — sempre incinerados. O corpo da criança é, inclusive, queimado logo. Mas o defunto adulto passa por um ritual muito especial. Num cesto de palha de inajá, reforçado por uma esteira de cipós, ele é transportado e pendurado na mata. Quando não houver mais carne — apodrecida e devorada pelos vermes, formigas e moscas — os Yanomamis retiram o cesto funerário da mata e o levam para a aldeia, onde é cremado. Das cinzas, pinçam os ossos mais duros, que não se queimaram: tíbias, fêmures e crânio. Esses ossos são pilados e comidos com mingau — de banana ou pupunha. Mas o ato nada tem de antropofágico e sim um sentido de comunhão. Os Yanomamis acreditam que um pedacinho do espírito do morto ficará dentro deles, para fortalecer a aldeia. O nome do defunto, no entanto, nunca mais será pronunciado, vira tabu.

No tempo mítico Yanomami, os que viveram primeiro foram os *parua* — os homens mais antigos do Surucucu. Hoje, os *parua* estão debaixo da terra. O *xabore* (pajé), que sempre os vê, diz que ainda estão vivos e conversa com eles. Da mesma forma que com os *noboleba* — o espírito dos Yanomamis bons que morreram e moram lá em cima, no *retumisi*.

SEGUE



AS CRIANÇAS MAIORES PARTICIPAM DO TRABALHO DOS ADULTOS

As meninas se iniciam desde cedo nas atividades normalmente desempenhadas pelas mulheres, acompanhando-as pelo caminho da roça ou da pesca.

noites são muito frias. No alojamento do posto da Funai, com chão de cimento e cobertura de zinco, só se consegue dormir de cobertor.

A nação Yanomami é de origem ainda desconhecida e se divide em quatro grandes grupos lingüísticos: Yanomam, Yanomamo, Sanumá (ou Yanoama) e Yanam. Os índios da serra do Surucucu falam o *yanomam*, que seria o verdadeiro idioma yanomami. Os *patatebi* (homens mais velhos) falam do Surucucu como um dos principais pontos de referência do aparecimento dos Yanomamis. Com as migrações, alguns grupos teriam se afastado e a língua se modificou com o passar dos séculos. Mas